

A NOITE TEM MAIS LUZES: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE LESBIANIDADES NO ROMANCE DE CASSANDRA RIOS

Mariana Souza Paim

Mestra em Estudos Literários / UEFS

Professora da Rede de Educação Básica do Estado da Bahia

marianaspaim@gmail.com

Resumo

O presente trabalho analisa as representações de lesbianidades presentes no romance *A noite tem mais luzes* (1968), de autoria da escritora paulista Cassandra Rios. A produção literária de Rios é permeada pela existência da temática lésbica, sendo considerada uma das primeiras escritoras brasileiras a garantir a existência de personagens homossexuais enquanto protagonistas de seus romances. Sua obra se constitui, pois, numa fonte singular para a compreensão da exposição do desejo homossexual feminino no contexto brasileiro da década de 1960. Nesse sentido, acompanhamos a trajetória da protagonista Pascale analisando a construção da identidade lésbica presente no romance.

Palavras-chave: Cassandra Rios, Lesbianidades, Literatura, Representação, Visibilidade.

Introdução

O romance *A noite tem mais luzes* foi originalmente publicado em 1968, tendo seu enredo desenvolvido a partir das experiências de uma personagem identificada enquanto lésbica. Contextualmente, o ano de 1968 é emblemático em nosso país no que se refere aos movimentos de contestação, sobretudo, o movimento estudantil, o feminista e demais manifestações que foram depois denominadas de contracultura, mas diz respeito também à época de maior truculência do regime militar.

É em meio a esse clima de efervescência cultural e política e da quase total supressão da liberdade individual que é lançado o romance. A história trata dos conflitos e experiências de Pascale, uma mulher paulista, bem sucedida financeiramente, mas que vive amargurada por suas sucessivas frustrações no terreno sentimental.

Através da trajetória da protagonista, Pascale, é possível perceber a articulação de um discurso sobre a identidade lésbica no contexto brasileiro da década de 1960, bem como os conflitos subjacentes a tal construção. A obra se constitui, pois, numa fonte histórica singular, na qual se buscou analisar as imagens e os discursos presentes no romance em relação a esse percurso de construção e exposição da identidade lésbica.

A noite tem mais luzes: configurações de lesbiandades

Através da análise do romance é possível perceber que a construção da identidade homossexual feminina estava associada ao desempenho de um determinado modelo de feminilidade e sexualidade. Assim, a narrativa traz uma série de distinções e hierarquizações dentro da própria categoria “homossexual”. No romance *A noite tem mais luzes* é através do olhar da protagonista Pascale que visualizamos as outras personagens. Pascale é apresentada como uma mulher feminina, em consonância com os padrões sociais da época e daquilo que ela mesma afirma enquanto “homossexual verdadeira” e que é contraposto ao papel desempenhado por outras identidades como: as bissexuais e as lésbicas masculinizadas ou *butch*.

Na teoria *queer* o termo *butch* é utilizado para denominar as lésbicas masculinas. Este termo é usado por Judith Halberstam com a significação de “mulheres que sentem-se mais confortáveis com estilos, códigos e identidades genericamente masculinas do que com àqueles femininos”¹, mas Judith Halberstam prefere a expressão *lesbian masculinity* para se referir a “mulheres que performam sua masculinidade em relações reconhecidas como lésbicas”². Alguns pesquisadores se utilizam da expressão “masculinidades de mulheres” ou “masculinidades em corpos femininos”³ para analisar essas configurações de lesbiandade. Optamos neste artigo por utilizar o termo *butch*, mesmo este não sendo referido na narrativa, para denominar as lésbicas masculinas, pois acreditamos que este possibilita explicitar através da discursividade as categorias de sexo e gênero relacionadas ao desejo lésbico.

A *butchness*, ou *performance* masculinizada de uma mulher, pode exprimir-se quer em termos de códigos de apresentação — pela adoção de certos adereços masculinos ou pelo recurso ao travestismo (parcial ou completo) —, quer em termos sexuais — pela preferência ou recusa de

¹ HALBERSTAM apud LACOMBE, 2006, p. 212.

² Idem. Ibidem, p. 212.

³ LACOMBE (2006); MESSEDER (2012), entre outros.

determinadas práticas e/ou tipos de parceira (BRANDÃO, 2010). Em *A noite tem mais luzes*, não há explicitação quanto aos tipos de parceiras ou práticas sexuais, sendo que as *butchs* são descritas a partir dos códigos de apresentação e gestual. Em alguns trechos da narrativa são referidas como: “Mulheres vulgares, incoerentes, cuja medula deveria estar azeda pelo apodrecimento do cérebro que só funcionava em fantasiar o corpo cobrindo as pernas com caças compridas e os braços com mangas de camisa”. (RIOS, 1968, p.52).

A ferocidade da crítica empreendida por Pascale se volta para o espaço onde as *butchs* performatizam a masculinidade, o ponto de “incoerência” está em uma masculinidade que se constrói, “fantasia” em um corpo de “mulher”. Um corpo que é (des) construído, que explicita o gênero como artifício, que afronta, pois desestabiliza uma noção naturalizada de congruência entre sexo/gênero/desejo/prática sexual.

James Green (2000) pontua que durante a década de 1960 a construção tradicional de gêneros relacionada à homossexualidade tanto masculina quanto feminina era hierárquica e baseada em papéis sexuais calcados no modelo heterossexual tradicional. Esse modelo operava através da oposição binária entre atividade e passividade associada à masculinidade e feminilidade, respectivamente, sendo que o rompimento com o binarismo colocava o sujeito em uma posição duplamente transgressora e por isso mais estigmatizada. Segundo o autor:

[...] mulheres que transgrediram as noções tradicionais de feminilidade, manifestando características masculinas, expressando a sua independência ou sentindo desejo sexual por outras mulheres, são marginalizadas. A rejeição de muitas lésbicas dos papéis femininos tradicionais, incluindo a “passividade”, colocaram-nas fora do paradigma dominante do gênero. A expressão pejorativa “sapatão” reflete este mal-estar social contra a mulher forte e masculinizada. (GREEN, 2000, p. 279-280).

As *butchs* ao romperem com o binarismo de gênero tornam-se mais visíveis e talvez aí resida boa parte da carga de marginalidade associada a essa performatividade no romance. Em vários trechos elas são postas enquanto “elementos indesejáveis em qualquer ambiente” (RIOS, 1968, p.52). Esse rompimento com o binarismo de gênero acabava também por associar as *butchs* à ideia de inversão sexual. A figura da *invertida*⁴ há muito reside no imaginário social a respeito das

⁴ Dentro dessa categoria se conformava uma estranha taxionomia que associava o desejo por outras mulheres à existência de uma desordem psíquica que conferia traços masculinos às mulheres. Era através da inversão que o corpo feminino poderia expressar o desejo, já que a sexualidade feminina não era considerada. A ideia de inversão sexual também se associava a um comportamento agressivo e/ou tendencioso à criminalidade como inerentes a essas mulheres.

relações homossexuais entre mulheres, construída através do discurso higienista do início do século XX como um ser patológico e anormal.

Por isso, o tom agressivo nos trechos que se referem às *butch* pode ser repensado também como uma estratégia para desassociar a homossexualidade dos estereótipos dos tipos masculinizados, já que existia, à época, a associação das mulheres masculinas com o *anormal comportamento agressivo* que forjou estereótipos unilaterais da homossexualidade feminina, como o patológico e/ou o profundamente subversivo às normas hegemônicas, associadas aos papéis de gênero tradicionais (GREEN, 2003).

Ainda assim, podemos também relativizar o peso dessas críticas no interior do romance, entendendo, aqui, que é preciso levar em consideração também a postura transgressora assumida por Cassandra Rios. Ou seja, levando em conta os meandros do seu texto, de acordo com uma interpretação que considere as estratégias narrativas da autora — como a utilização de conceitos científicos, reflexão e problematização do jargão médico, do pensamento do senso comum da época e da linguagem pejorativa — enquanto uma forma de crítica a esses mesmos valores, na medida em que expõe as fissuras e contradições de um discurso que tenta se instituir como norma. Segundo Judith Butler:

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. Nesse contexto, ‘decorrer’ seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de ‘identidades de gênero’ parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam às normas da inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades de expor os limites e objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero. (BUTLER, 2014, p.38-39)

A performatividade das *butchs*, ao construir uma masculinidade em um corpo enredado como feminino, expõe o caráter cultural da construção do gênero e subverte a lógica da estrutura heteronormativa e seus binarismos. O discurso da personagem Pascale sobre as *butchs* evidencia as fronteiras da construção de uma identidade lésbica que ela intitula como “verdadeira”, todavia,

também demonstra o artifício de tal empreitada, expondo o caráter cultural dessas mesmas construções. Ou seja, percebemos que, a partir de um lugar contemporâneo, de hoje, podemos ler a tensão ou dissonância desse registro, adotando não apenas o relativismo para uma época em que não se viveu (no caso desta pesquisadora que aqui se inscreve), mas, sobretudo, lendo a ambiguidade que o próprio romance cria a partir desses avanços e recuos da personagem no tocante à sua identidade e relações com as outras lésbicas que vem a conhecer.

O processo de descrição da identidade lésbica de Pascale se faz também por contraposição aos comportamentos das bissexuais. Essas figuram no romance enquanto pervertidas sexuais, e sobre essas recaem uma série de condenações, principalmente, de sentido moral, no que se refere ao seu comportamento. Na narrativa, a bissexualidade não é reconhecida como uma identidade, mas somente em termos de uma sexualidade que é considerada exacerbada, como algo patológico, uma perversão.

Nesse sentido, a crítica apresentada na obra de Cassandra Rios pode ser pensada enquanto uma dimensão constituinte do próprio processo de construção de identidade. Como aponta Tânia Navarro-Swain:

Os movimentos homossexuais, adotando a diferença que lhes é imposta, constroem igualmente um núcleo identitário — ser lesbiana ou gay, no sentido ontológico — e criam assim um novo espaço de exclusão: os bissexuais seriam assim os *queers* dos homossexuais, da mesma maneira que estes últimos seriam os *queers* dos heterossexuais (NAVARRO-SWAIN, 2001, p.94).

Assim, a construção da identidade da personagem Pascale é criada em um espaço de exclusão, a partir do discurso heterossexista e heteronormativo, que acaba criando um outro espaço de exclusão onde então inscreve a bissexualidade. A rejeição a esse comportamento é mediada através do estabelecimento da diferença entre ser lésbica/moral e ser bissexual/pervertida.

Na narrativa a sexualidade é colocada como constituinte principal da identidade bissexual, apresentando-a, por sua vez, como representativa de um desejo exacerbado e insaciável. Essa sexualidade aflorada inseria sua conduta no rol das perversões sexuais. Em contrapartida a essa sexualidade apreendida como anormal e exacerbada, as “verdadeiras homossexuais” eram devotadas a sensações consideradas mais sublimes, “[...] julgava que os sentimentos de uma sáfica fossem envoltos por poesia, moral e muito pudor, que suas alegrias e conquistas fossem como festas de Natal [...]” (RIOS, 1968, p.54). Já as bissexuais ocupariam um lugar que contrapõe o sexo e o amor:

Nunca apreciaria uma bissexual, ou como entendessem: uma perversa. Fosse como fosse, o que estava acima de tudo era o Amor, o sexo vinha depois, vitória, orgulho era saber ser uma homossexual, tendo brio e não se deixar influenciar pelas más línguas. (RIOS, 1968, p.24).

De acordo com Nadia Nogueira (2005), nas narrações das relações homoeróticas entre mulheres o tema da afetividade aparece recorrentemente em detrimento ao exercício da sexualidade. De acordo com a autora o

[...] afeto, a emoção, o entendimento recíproco, o companheirismo; ele aparece como conseqüência e não como causa, pelo qual o prazer sexual está relacionado a uma interação superior. Assim, a relação sexual pressupõe um necessário envolvimento afetivo e emocional entre as parceiras. (NOGUEIRA, 2005, p.93).

Opondo-se às *butch* e às bissexuais, as lésbicas consideradas, no romance, enquanto “as autênticas homossexuais”, reivindicam a utilização do termo homossexual, sendo que este evidencia e legitima um determinado padrão de comportamento sexual dito como “verdadeiro”:

Poucas, podia contá-las nos dedos, eram definidas, homossexuais cheias de moral e pudor, e essas por causa das outras sofriam... Não passavam de viciadas que entre as autênticas homossexuais criavam uma situação confusa. Homossexualismo, pensou Pascale, não é vandalismo, prestando-se à coisas ignóbeis que sabia muitas praticavam [...] (RIOS, 1968, p.23).

É através de um jogo de oposições que o romance vai delimitando aquilo que considera uma homossexual verdadeira. Segundo Stuart Hall (2006, p.85), “todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são”. Para ele, ao ser construída no interior das relações de poder, “toda identidade é fundada em uma exclusão”. Como a identidade que a personagem tenta estabelecer se funda dentro da lógica essencialista, que naturaliza o desejo e polariza a sexualidade em duas categorias estanques — a heterossexualidade e a homossexualidade —, a bissexualidade ocuparia a posição no meio termo dentro dessa classificação, desordenando o projeto de estabelecimento de uma identidade homossexual, na narrativa, que se encaixe no quadro binário do gênero e da sexualidade.

Tânia Navarro-Swain (2001) problematiza a forma pela qual a bissexualidade pode ser compreendida também através do discurso feminista. Segundo ela, a noção de bissexualidade propõe, dentro daquela epistemologia, um questionamento radical as relações sociais que desafiam a forma pela qual se pode apreender uma identidade que se funda na ambiguidade. A autora aponta

para duas visões diferentes sobre bissexualidade: uma que converge para a liberação da identificação e da identidade ligada ao sexo, e outra que diz da possibilidade da bissexualidade prefigurar dentro do quadro binário de gênero, enquanto escolha entre dois pólos baseados sobre o sexo biológico e o gênero cultural.

A bissexualidade esboroa os limites de uma identidade que tenta se estabelecer através de uma identificação baseada na convergência entre sexo e desejo dentro do sistema heteronormativo. A bissexual, não integrando o binarismo existente entre heterossexual e homossexual, desordena o projeto de estabelecimento de uma identidade homossexual, na narrativa, que se encaixe no quadro binário do gênero e da sexualidade. É também interessante notar que a bissexualidade também não aponta para uma ideia de terceiro sexo, por vezes suscitada, porém, nunca de forma explícita, no texto de Cassandra Rios.

Em *A noite tem mais luzes* percebemos que a busca de uma diferenciação da orientação homossexual de certas mulheres, consideradas sexualmente desviantes, coloca a questão da identidade homossexual dentro de um campo regulamentado por uma série de códigos de conduta. Ou seja, são comportamentos vinculados aos papéis de gênero, associados ao feminino padrão e à ideia de moralidade e pudor, ainda muito fortes na década de 1960 no Brasil.

Considerações Finais

Através da narrativa podemos perceber o projeto da autora de construir a ideia de identidade homossexual, a partir de um padrão de aceitação social que rompesse com os estereótipos associados a essa sexualidade. Nesse sentido, a construção da identidade homossexual e sua consequente visibilidade estava associada ao desempenho de um determinado modelo de feminilidade e sexualidade.

Na narrativa a conduta homossexual estava, assim, investida de uma série de prescrições respaldadas por um sentido moral e comportamental, mas é possível perceber que o modelo ideal dessa identidade convivia com outras formas de expressão da homossexualidade feminina e que essas identidades serviam como diferenciadores dentro da própria categoria homossexual. Compreendemos que estas diferenciações demarcavam os limites de uma sexualidade considerada mais “aceitável” socialmente, buscando fugir dos estereótipos que associavam as homossexuais a uma imagem relacionada à promiscuidade e masculinização.

Esse discurso utilizado pela autora pode ser entendido como uma estratégia de resistência que pode ser lida em dois sentidos: como uma forma de criar uma imagem “positiva” sobre a identidade homossexual e de dissociar a homossexualidade dos estereótipos preconceituosos que a associavam à promiscuidade, à perversão e à masculinização, e como forma de visibilidade, percebida na tentativa de expor a precariedade do próprio projeto de fixação da identidade, baseada em um discurso heteronormatizador das condutas sexuais.

Referências

- BRANDÃO, Ana Maria. *Da sodomita à lésbica: o gênero nas representações do homoerotismo feminino*. In: Revista Analise Social. Vol. XLV, 2010.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GREEN, James. *Mais amor e mais tesão. A construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis*. Campinas: Cadernos Pagu, 2000.
- _____, James. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. Cad. AEL, v.10, n.18/19, 2003.
- HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.
- LACOMBE, Andrea. *De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro*. Cadernos Pagu (28), p. 207-225, janeiro-junho de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/10.pdf>. Acesso em: 27 set. 2016.
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. *Para além do binário: os queers e o heterogênero*. In: *Revista Gênero – Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*. V. 2, n.1. Niterói, EDUFF, 2001.
- NOGUEIRA, Nadia. *Experiência e Subjetividade: Geografia do Prazer nos espaços de sociabilidade lésbica do Rio de Janeiro dos anos 1950-1960*. Artigo publicado no ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0781.pdf>. Último acesso em 20/06/17.
- RIOS, Cassandra. *A noite tem mais luzes*. São Paulo, Editora Record, 1968.